
EXPERIÊNCIA MILITANTE E REPERCUSSÕES EM OUTRAS ESFERAS DA VIDA: JOVENS ENGAJADOS EM PARTIDOS POLÍTICOS

THE EXPERIENCE OF ACTIVISM AND ITS IMPLICATIONS IN OTHER AREAS OF LIFE: YOUNG PEOPLE ENGAGED IN POLITICAL PARTIES

LA EXPERIENCIA DE ACTIVISMO Y SUS IMPLICACIONES EN OTROS ÁMBITOS DE LA VIDA: JÓVENES IMPLICADOS EN LOS PARTIDOS POLÍTICOS

Ana Karina Brenner*

Resumo: O presente artigo apresenta resultados recortados de tese de doutorado defendida em 2011. Ele trata do engajamento de jovens em partidos políticos, da socialização política e das repercussões que a vida militante e as novas socializações ocorridas neste espaço produzem em outras esferas da vida desses militantes. Os dados apresentados foram obtidos através da realização de entrevistas individuais com 21 jovens universitários. Os jovens militantes se inserem em diferentes espaços de militância: movimento estudantil, movimentos populares, organizações sociais, espaços internos do partido, etc.; e as experiências incidem de maneiras variadas sobre amizades, relacionamentos afetivos, família, escolhas profissionais e inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Jovens; engajamento político; partidos políticos; socialização política.

Abstract: This paper presents the results taken from a doctoral thesis defended in 2011. It addresses the engagement of young people in political parties, their political socialization and the impact that activism and the new social relationships that occur within this political environment has on other aspects of life of these activists. The data were obtained by conducting individual interviews with 21 university students. The young activists fell in different areas of militancy: student movements, social movements, social organizations, party membership, etc.; and these experiences affect their friendships, romantic relationships, family, career choices and entering the job market in different ways.

Keywords: Young people; political engagement; political parties; political socialization.

O engajamento de jovens em partidos políticos é um fenômeno de poucos no Brasil – assim como são poucos os adultos engajados. Entre adultos chega a 10% o número de filiados em partidos políticos e, entre jovens, não passa de 4%, conforme dados do TSE¹. Deve-se levar em conta, ainda, que o número de filiados não corresponde ao número de jovens que efetivamente militam em partidos, sendo este significativamente menor. O engajamento, diferentemente da filiação, exige um envolvimento maior, dedicação a atividades sistemáticas no cotidiano partidário, participação em reuniões, dedicação de tempo a atividades de organização, recrutamento de novos militantes, formação política, etc.

Apesar do baixo engajamento em partidos políticos demonstrado pelos números acima, a presença de jovens militantes na esfera pública é significativa. Também são significativos os efeitos do engajamento em diferentes esferas da vida de jovens que se engajam. Neste artigo apresentam-se as repercussões da militância na vida de 21 jovens engajados entrevistados entre 2009 e 2010, apontando para mudanças nos relacionamentos familiares, afetivos, planos profissionais, entre outros a seguir descritos².

Durante o regime militar, que durou de 1964 a 1985, o Brasil viveu regime bipartidarista. Apenas a partir do início dos anos 1980, num processo lento de redemocratização, novos partidos foram criados e antigos partidos, proibidos na ditadura, se reorganizaram, iniciando novos processos de formação de quadros, recrutamento de militantes e consolidação de agendas políticas e programáticas.

O engajamento e o militantismo, embora encerrem sentidos ligeiramente diversos, podem ser definidos como a aproximação entre indivíduos e grupos de interesse constituídos. Para Fillieule (2001) o indivíduo é a unidade de análise das práticas de engajamento, contudo, este não pode ser dissociado das lógicas sociais coletivas que se impõem a ele e das condições pelas quais se vincula com os outros indivíduos com os quais estabelece relações sociais determinantes para seus engajamentos.

De acordo com Reis (2007, p. 10) o engajamento pode ser definido como “a disposição dos agentes para tomar posição sobre ‘temas’ e ‘problemas’ variados a partir de domínios igualmente diversos”. O militantismo, embora englobe a definição de engajamento o amplia, ganhando a dimensão de dedicação sistemática a uma causa ou ação.

O engajamento militante constitui contexto relacional com o qual o sujeito militante interage produzindo novas socializações (BERGER, 1985). Assim sendo, o tema da socialização política se mostra fundamental para compreender o engajamento militante, as experiências vividas e a maneira como esse engajamento incide sobre práticas, valores, costumes, crenças adquiridas e construídas ao longo da vida. A militância é espaço onde se produzem sentidos, valores, condutas políticas que se distinguem, por exemplo, daqueles produzidos na convivência familiar, com a escola ou com o grupo de pares de amizade.

A socialização pode ser entendida como a introdução do indivíduo no social e é um dos princípios da formação da identidade. O primeiro espaço de socialização é a família ou sua substituta. Na relação com os pais, ou seus substitutos, a criança imita, se identifica e recria as regras da convivência social. É pela interação com o outro e pelo reconhecimento recíproco dos sujeitos que nos fazemos capazes de nos autorreconhecer, diferenciando o que é particular do que é universal (DUBAR, 2005).

Em sentido mais amplo, a socialização ocorre por processos e mecanismos que permitem a uma pessoa desenvolver relações sociais, se adaptar e se integrar à vida social.

A socialização política poderia ser traduzida como a transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações do mundo.

A família e a escola são importantes espaços de socialização, que não está, contudo, circunscrita a eles. Pesquisas demonstraram a impossibilidade de manutenção de um determinismo radical das estruturas no processo de socialização, mas também apontaram para a necessidade de enriquecer as análises com cenários que permitam levar em conta as variadas influências sofridas pelos indivíduos ao longo de suas vidas, que permitem acrescentar elementos de socialização aos processos ocorridos no âmbito da família e da escola.

No caso dos jovens engajados, a circulação por diferentes espaços, a convivência com várias pessoas, a busca por consensos que, muitas vezes, exigem a flexibilização de posições e o debate de ideias são experiências que produzem reflexões sobre os valores e comportamentos dos próprios militantes. Há sempre um grupo menor com o qual se milita cotidianamente e outros subgrupos de militantes com os quais se convive de maneira mais esporádica. Esses grupos são formados por pessoas de diversas origens sociais, em diferentes momentos da formação universitária, de diferentes idades – mesmo considerando a militância entre jovens –, a variação de idade é significativa, em relação às experiências e momentos da vida acadêmica, pessoal e profissional. As experiências nesses grupos representam um novo espaço de socialização, em que é possível interiorizar novas regras sociais, novos valores ou atualizar aquilo que foi internalizado na socialização familiar.

A experiência militante produz tensões, mudanças e também permanências em relação aos valores, comportamentos, expectativas e projetos de vida anteriormente elaborados. Berger afirma que a socialização secundária continua a ser construída sobre as interiorizações primárias e que este é um processo comum nas sociedades contemporâneas, “em ligação com a mobilidade social do indivíduo e o treinamento profissional” (BERGER, 1985, p. 213). O autor faz distinção entre processos relativamente contínuos de socialização – novas interiorizações, que mantêm como base a socialização primária – e processos que produzam rompimento com o que foi interiorizado no âmbito da socialização primária – nesses casos, haveria uma reinterpretação, no presente, de atitudes e fatos passados com os filtros adquiridos com as interiorizações secundárias. As alterações designariam a definição dos processos em que ocorre ruptura com a socialização primária, mas Berger considera também a existência de processos intermediários em que não há rupturas, mas reinterpretações significativas daquilo que foi anteriormente internalizado.

A partir de entrevistas biográficas realizadas com 21 jovens universitários³ foi possível elaborar um breve, porém significativo cenário de engajamento desses jovens em partidos políticos e dos deslocamentos

produzidos pelo engajamento naquilo que se refere à socialização primária destes. Os jovens entrevistados situavam-se na faixa entre 21 e 29 anos de idade, sendo as entrevistas realizadas em 2009 e 2010. Todos estavam engajados em partidos considerados de esquerda⁴, estando 5 partidos representados neste grupo de jovens: PDT, PT, PSTU, PSOL e PCdoB.

Questionar a realidade, as razões para os acontecimentos e buscar mais de uma explicação para um fato é uma das coisas que os jovens afirmaram ter feito depois de se engajarem. Para alguns, “ter uma visão crítica da realidade” apresenta-se como uma ação que antecedeu e favoreceu o engajamento, mas, mesmo para esses, a leitura da realidade à sua volta se alterou. Outros dizem que foram “adolescentes alienados” e que, depois de se engajarem, foram levados a questionar fatos e justificativas para determinados acontecimentos. Aquilo que era resultado de um discurso do senso comum teria sido modificado por visões mais amplas e leituras mais complexas sobre a vida em sociedade. Essas afirmações devem ser analisadas levando-se em conta os processos de ressocialização que se passam no decorrer do engajamento militante. Segundo Berger, é “relativamente mais fácil inventar coisas que nunca aconteceram do que esquecer aquelas que realmente aconteceram” (BERGER, 1985, p. 212), a fim de dar coerência aos valores que estão sendo internalizados secundariamente. “O indivíduo pode fabricar acontecimentos e inseri-los nos lugares adequados, sempre que forem necessários para harmonizar o passado lembrado com o passado reinterpretado” (BERGER, 1985, p. 212).

Convivência familiar e repercussões do engajamento

Os jovens militantes falaram de tensionamentos, variações e continuidades naquilo que se refere às relações familiares. Pais engajados e não-engajados reagiram de maneiras diferentes ao engajamento dos filhos e cada situação produziu conflitos distintos, de acordo com as experiências que também os pais possuíam de ativismo político – seja pela própria prática, seja pelo imaginário que construíram sobre a dinâmica de vida de um militante. Morar com os pais ou morar sem eles – em república de estudantes, sozinho ou em novo núcleo familiar – também é um aspecto marcante para a relação desses jovens militantes com suas famílias. Sair da casa dos pais significou arrefecer alguns conflitos e, em alguns casos, essa saída foi facilitada pela militância – trabalho obtido por meio do partido, que produz autonomia financeira.

Aprendizados na família e aprendizados na militância

Os jovens militantes relataram aspectos e dinâmicas que expressam valores, formas de se comportar e interpretar o mundo, aprendidos na família. O processo de se tornar militante produziu um novo espaço de socialização,

que, sem desconsiderar outros espaços de socialização secundária, permitiu que os jovens ressignificassem aquilo que aprenderam com suas famílias, introjetassem novos valores, normas e regras e reinterpretassem a realidade social em que se inserem. Os jovens relataram mudanças e permanências, mas também dificuldades em identificar aquilo que foi influenciado pela militância, por outros processos relacionais ou, ainda, pelo próprio amadurecimento trazido pelo avançar da idade.

Um jovem rapaz, militante do PSOL, disse que é impossível uma pessoa mudar totalmente seus valores e seu modo de ser e agir ao longo da vida, que sempre há permanências e valores que não se alteram, “você nasceu e foi criado em cima de uma lógica e continua sendo influenciado por essa lógica”. Criado em uma família, segundo ele, de valores bastante conservadores e com forte resistência a qualquer tipo de associativismo político, o jovem disse ocorrer “uma espécie de uma luta no sentido contrário de alguns valores [internalizados pela socialização familiar e escolar], mas é uma luta cotidiana e coletiva, né?”. Ele afirmou que buscou, por meio da militância, ser uma pessoa mais aberta, respeitadora das diferenças, que busca justiça e igualdade sociais.

Os jovens que se engajam em partidos políticos encontram-se naquilo que Berger denominou de tipos intermediários de ressocialização. Não há uma ruptura com a socialização primária, senão uma transformação da realidade subjetiva interiorizando “os adequados apêndices da realidade” (BERGER, 1985, p. 214). Os jovens enfrentariam, assim, o “problema de conservar a coerência entre os primeiros e os tardios elementos da realidade subjetiva” (BERGER, 1985, p. 214). Para alguns jovens, as transformações foram mais intensas, para outros menos. Correlaciona-se o presente com o passado, remendando o que foi vivido, a fim de dar coerência ao que foi internalizado anteriormente frente àquilo que está sendo internalizado no presente. O passado é “reinterpretado para se harmonizar com a realidade presente, havendo a tendência a retrojetar no passado vários elementos que subjetivamente não eram acessíveis naquela época” (BERGER, 1985, p. 215).

É por manter um vínculo com pessoas que foram anteriormente significativas que nesses processos de socialização secundária convivem práticas anteriormente internalizadas com novas práticas. O jovem rapaz acima citado se aproxima mais de uma ressocialização, caracterizada pela ruptura com aquilo que foi anteriormente significativo, mas percebe os limites dessa tentativa por reconhecer que são influências profundamente arraigadas; “uma espécie de uma luta no sentido contrário de alguns valores”. Os demais jovens apresentam narrativas menos conflitivas em relação às socializações primárias.

Vários jovens relataram que foram criados em famílias conservadores que, mesmo sem muitas vezes ter a consciência sobre isso, transmitiram-lhes valores machistas, homofóbicos e racistas. A tríade dos preconceitos foi especialmente citada por jovens rapazes. Todos se referem a reflexões e debates feitos entre o grupo de militantes que os ajudaram a perceber

seus comportamentos preconceituosos, falam de um esforço para mudar comportamentos preconceituosos e discriminadores, mas nenhum deles considera que tenha conseguido se livrar por completo de algum tipo de preconceito. A socialização ocorrida no âmbito do partido modificou, mas não teria sido forte o suficiente para transformar por completo os valores internalizados na socialização familiar.

Mas eu acho que, de uma maneira geral como todo mundo, eu tive uma criação machista, homofóbica e racista, isso de uma maneira geral. Não sou só eu, acho que as pessoas têm essa educação. [...] você vai percebendo coisas que você faz que simplesmente você não percebia, você passa a perceber. [...] coletivamente você teve um aprendizado, as pessoas não só estudam isso como militam em cima disso, como entendem como isso vai funcionando. Então, você vai tentando combater aspectos... Eu acho que você não deixa de ser nenhuma das três coisas eu acho só que você melhora, evolui e mais do que isso, você percebe que você faz e tenta combater. (jovem rapaz, PSOL).

Uma jovem militante petista ressaltou as tensões que viveu entre o conservadorismo da família, sua vivência pessoal e os valores experimentados no partido; valores que ela qualificou como progressistas. Foi na militância que ela assumiu sua homossexualidade, opção que entrava em conflito com valores morais de sua família. “Na militância... claro que a gente se confronta... e na época [início da militância], que acho que até foi um confronto maior... um confronto mesmo ideológico, com a minha família. Você estar numa família evangélica, uma família conservadora...” (jovem moça, PT).

Os aspectos inalterados da socialização primária eram, em geral, aqueles que encontravam alguma correspondência com os valores defendidos pelos partidos ou que, não sendo valorizados pelos partidos, não antagonizavam com aquilo que era significativo na dinâmica partidária. Não houve jovem que afirmasse que condutas sexistas ou homofóbicas fossem legítimas e as defendessem; não houve quem tivesse defendido ações que perpetuem desigualdades sociais e que continuasse a fazê-lo.

Se, segundo os jovens, alguns comportamentos e valores são, por um lado, transformados ao longo das experiências militantes, há comportamentos e valores que, por outro, permaneceram inalterados. Ou seja, elementos da socialização primária que foram preservados das releituras e ressignificações promovidas pela socialização na militância política.

Permaneceu inalterado, por exemplo, um senso de justiça e igualdade social. Se para alguns a ideia de igualdade e justiça social surgiu depois do engajamento, outros já tinham esses princípios como orientadores de suas práticas antes da militância e viram no engajamento político uma possibilidade de tê-los concretizados.

Há uma convivência, em maior ou menor grau, entre valores, normas e comportamentos internalizados via socialização primária e os novos significantes produzidos pela socialização na militância. Para alguns, a militância se parece mais com uma continuidade da socialização primária; para outros, ela representa uma mudança significativa em relação àquilo que foi aprendido na família e, nesses casos, os conflitos são mais evidentes.

Hábitos de consumo e a estética militante

O engajamento militante é, em geral, associado a hábitos de consumo mais conscientes e responsáveis. Conscientes no sentido de conhecer as razões pelas quais se consome determinados produtos, ter consciência da necessidade – objetiva ou subjetiva – do consumo. Responsabilidade no que se refere à origem e ao modo de produção dos produtos: responsabilidade ecológica, social e cultural.

Os engajamentos podem ser de muitos tipos e nem todos incidem sobre hábitos de consumo, mas, no caso dos jovens militantes em partidos políticos, todos se filiaram a partidos de esquerda, que levantam a bandeira do consumo consciente e responsável. Assim sendo, era esperado que algum tipo de situação fosse narrada pelos jovens sobre o tema do consumo.

Alguns jovens militantes se referiram a mudanças em seus padrões e hábitos de consumo depois do início da militância. A percepção deles sobre as mudanças ocorre fundamentada na ideia de que há uma estética militante e um determinado padrão de consumo que diferenciam pessoas engajadas das não-engajadas. Ou seja, pessoas engajadas se vestiriam de determinada forma e os jovens se enquadram ou não nesse padrão; pessoas engajadas gastariam pouco com roupas, acessórios e cuidados pessoais e os jovens militantes se aproximam ou não desse padrão de consumo.

Jovens mulheres relataram que, depois de se engajarem, passaram a gastar menos com a compra de roupas, acessórios e produtos de beleza, ao trocar lojas habitualmente frequentadas por outras que vendem similares a preços mais baixos. Deixaram de comprar marcas e passaram a comprar produtos. Relataram, também, comprar menos do que compravam em tempos não-engajados. Elas estariam, assim, se aproximando de um padrão de consumo “esperado” para militantes, pois consomem menos e, quando o fazem, compram produtos mais baratos.

Os relatos, contudo, denotam que as mulheres não abrem mão de seu estilo pessoal em nome de um possível estilo militante. Há diferentes interpretações para o que seria um estilo militante, mas os depoimentos das jovens o identificam com a estética *hippie*, com roupas largas, pouco arrumadas, eventualmente gastas, demonstrando que as peças são usadas até o fim de sua utilidade e não até o fim da estação da moda. Os relatos dos jovens militantes usam termos como “alternativo”, “meio *hippie*” ou “meio desarrumado” e tais termos são usados tanto por aproximação como por

oposição: “gostei do jeito alternativo daquelas pessoas” ou “não quero ficar com aquele jeito meio desarrumado como faz a maioria dos militantes”.

Apesar das mudanças no padrão de consumo, não houve alteração no gosto ou no estilo daquilo que consomem. A militância teria produzido um consumo mais consciente, mais planejado e menos impulsivo, mas não alterou o visual das jovens moças.

Entre os homens, apenas um jovem militante do PSOL relatou mudanças significativas de modos e padrões de consumo, afirmando ter havido uma radical mudança de visual, depois de se engajar no partido.

A descrição que o jovem fez de si, dos tempos em que cursava ensino médio, é a de um adolescente que frequentava boates badaladas, ouvia música eletrônica, usava camisas com botões – refere-se a si mesmo como um “engomadinho” –, cabelos curtos e bem alinhados e sapatos nos pés. O jovem quando militante passou a gostar de samba e MPB, deixando a música eletrônica para trás, usa camisetas com símbolos referidos às lutas da esquerda – como a camiseta de Che Guevara que vestia no dia da primeira entrevista e que foi tomada como exemplo de sua mudança de visual –, bermudas, sandálias de dedos nos pés; deixou o cabelo crescer e usa-o desalinhado. O próprio jovem disse que passou a se vestir “como um militante”, ou seja, assumiu um modo de se vestir associado, por ele, à estética militante.

Adotar um estilo mais próximo do estereótipo militante não foi algo comum aos jovens rapazes entrevistados, mas também nenhum outro jovem se apresentou como alguém “engomadinho” que gostava de música eletrônica, usava calça social e depois mudou de estilo.

Repercussões da militância na esfera privada

Alguns jovens se referiram a expectativas de mudanças que criaram ao iniciar seu engajamento, ou seja, percebiam características pessoais que poderiam e até gostariam de ver alteradas a partir da militância. A timidez, a impulsividade da ação, o “pavio curto”, a dificuldade de se expressar com clareza, são alguns exemplos daquilo que os jovens esperavam modificar. Algumas dessas características se alteraram, mas outras permaneceram, sendo que os jovens afirmaram ter se acostumado a elas ou ter aprendido a lidar melhor com determinadas características pessoais.

Um jovem militante do PSOL, por exemplo, disse que é uma pessoa completamente diferente daquela que iniciou a militância partidária, mas que seu comportamento impulsivo não se alterou com o engajamento político. Diz que seu perfil humanista e o senso ético já estavam presentes antes da militância e que os erros oriundos da impulsividade, do agir sem muito pensar e do dizer tudo o que pensa continuavam a ser cometidos e seriam, em certa medida, um problema na militância política. Afirmou preferir os problemas da impulsividade ao calar de sua opinião. Defendeu,

contudo, que opiniões precisam ser reveladas com bons argumentos e que as suas opiniões ficaram mais bem fundamentadas depois do engajamento. O jovem disse que, apesar da forte presença da poesia em sua vida, é um sujeito muito duro, direto, por vezes intransigente. Citou Drummond – “ao menino de 1918 que queria tacar fogo em tudo... meu ódio é o melhor de mim”⁷⁵ –, como uma passagem, para ele, inspiradora. Acrescentou, no entanto, que, em nome das demandas da vida política, moderou o discurso ou aceitou decisões que favoreciam o coletivo em que milita, em detrimento de sua opinião particular. Ressaltou que nenhuma dessas decisões confrontava radicalmente seus princípios, mas não refletia exatamente a postura que ele, particularmente, tomaria diante da mesma situação enfrentada pelo coletivo partidário.

Uma moça, militante do PSOL, por sua vez, esperava que sua timidez e dificuldade de falar em público fossem alteradas pela prática militante, mas, passados 3 anos de engajamento, percebia que continuava calada, tímida e com as mesmas dificuldades “E eu sempre fui muito quieta, muito mais fechada e tal. E eu achava que isso podia mudar. Tanto que as pessoas falavam que eu não tinha jeito pro movimento”. Mas, ao contrário do que muitos pensavam, ela conseguiu consolidar sua militância, apesar dessas características. “O meu jeito continuou. E a maioria das pessoas pensa que quem vai fazer bonito no movimento estudantil é quem é extrovertido e fala muito. E isso não é bem assim”. Seu jeito tímido e mais calado foi transformado por ela em ferramenta de recrutamento de militantes, através do contato face a face na universidade e em outros espaços de influência de seu grupo político. Um traço de comportamento, geralmente tido como negativo, foi por ela transformado em característica positiva.

Ao revelar aquilo que mudaram ou não em relação a características pessoais, demonstraram ter tido expectativas de que a militância transformasse determinadas características de suas personalidades, mas também que desejavam manter traços de sua individualidade preservados. Revelaram, ainda, que mantiveram traços que são, em certa medida, indesejáveis no universo das relações políticas – impulsividade, teimosia, não manter aparências. Ainda assim, consegue estar em seus partidos e ser aceitos como são.

Amizades, vida afetiva e militância

Não são apenas as relações familiares que se alteram, também as amizades são afetadas pelas práticas militantes dos jovens. Novas amizades são agregadas, muitos companheiros ou colegas de militância se tornam amigos. Mas também há amigos que acabam não acompanhando os jovens depois que esses começam a militar. As mudanças de valores e comportamentos tornaram algumas amizades incompatíveis. Ao mesmo tempo, muitos jovens relataram seu empenho em manter amizades com aqueles que não seguiram o mesmo caminho de engajamento político.

A maioria dos jovens afirmou que mantém amigos de infância, agregou amigos militantes e também amigos de novos círculos de sociabilidade – universidade, nova vizinhança etc. – não-militantes. Esses jovens disseram que fazem questão de manter e cultivar as amizades anteriores ao engajamento porque não querem circunscrever suas experiências sociais àquilo que é possibilitado no âmbito da militância. Os amigos não-militantes serviriam para “arejar”, quando os jovens se sentem demasiadamente impregnados de assuntos ligados ao engajamento. Os amigos não-militantes também trariam para a vida desses jovens assuntos diferentes, colocariam temas atuais sob novas perspectivas, para além daquelas pautas estabelecidas pelos partidos. Essas atitudes demonstram um interesse em manter ligadas as pontes que fazem as conexões entre as atuais experiências de vida com as experiências do passado que constituíram esses sujeitos.

A metade dos jovens entrevistados afirmou a manutenção de amizades fora do círculo militante. Todos concordam que a relação cotidiana acaba se restringindo bastante aos colegas militantes⁶, dada a intensidade de atividades e de dedicação de tempo à militância, mas todos conseguem reservar algum tempo para reencontrar amigos de outros tempos e espaços.

Uma jovem militante do PSTU é um exemplo de rede extensa de amizades e disse que isso ocorre pela sociabilidade produzida pela filha – festas de aniversário, amizade com os pais dos amigos e amigas da filha etc. –, por sua convivência muito próxima com vizinhos e pela agregação de colegas de trabalho às redes de amizades.

As pessoas do morro, as pessoas da família, a minha vida não é a universidade, a universidade é uma parcela da minha vida, eu tenho uma vida fora dali. Tem amigos do partido, tem do movimento. Tem amigos do morro onde eu moro e tem amigos da família da minha mãe lá do bairro. No aniversário da minha filha foi muito legal, porque tinha vários amigos que não tinham nada a ver com nada, pessoas “soltas”, ex-namoradas de amigos do meu marido, por exemplo; pessoal do partido e pessoal do morro, foram todos ao aniversário. (jovem moça, PSTU).

Para um jovem do PSOL, é difícil separar a vida pessoal da vida militante e os colegas de militância acabam se tornando amigos, devido ao tempo de convivência e às afinidades. Tem amigos não-militantes com os quais seria difícil falar sobre política, mas ele não abre mão de introduzir temas políticos nas conversas com esses amigos. Se não dá para falar sobre especificidades de partidos e suas pautas, tenta sempre discutir questões mais gerais, como a situação de violência no estado do Rio de Janeiro ou os deslizamentos cometidos pelo governo Lula.

Uma militante do PT é a exceção entre os jovens, sendo a única a afirmar que só mantém e só deseja manter amizades com pessoas engajadas politicamente. A jovem afirmou que não consegue se relacionar com pessoas de fora desse círculo temático; pode até encontrar e conversar, eventualmente, com pessoas não-engajadas – em alguma festa, por exemplo –, mas não são amigos, apenas conhecidos. Os amigos não são necessariamente militantes do PT, mas de partidos identificados como de esquerda. Com os jovens desses partidos, não teria qualquer restrição ou dificuldade de relacionamento, mas seria incapaz de ter como amigo alguém de um partido de direita. A própria jovem fez uma autocrítica a seu comportamento, ao se declarar sectária. Mas, ao mesmo tempo, justificou suas escolhas e minimizou o sectarismo, ao dizer que não circunscrevia suas amizades apenas ao PT, mas a todos os partidos de esquerda.

Relações afetivas: relacionar-se com militantes ou não?

Quando se fala sobre a vida afetiva, em geral, as opiniões convergem para aquilo que já foi apontado para as amizades: há jovens que não se relacionam afetivamente com não-militantes; há jovens que não estabelecem critérios quanto à militância, ou seja, namoram ou já namoraram militantes e não-militantes indistintamente; há alguns poucos que prefeririam não namorar pessoas politicamente engajadas, para que a militância e a vida privada não se confundam. Dos 21 jovens entrevistados, 11 namoram ou já namoraram militantes. Em nenhum caso o par militava em partidos distintos.

A jovem petista que afirmou não querer ter amigos não engajados disse que não conseguiria namorar não-militantes. Para essa jovem, namorar uma pessoa não-engajada não seria possível, pelos diferentes interesses que estariam em jogo na relação. Ela afirmou que precisava ter a seu lado alguém com a mesma vontade de militar que ela, que tivesse os mesmos interesses políticos, “eu nunca namorei ninguém que não fosse militante, nem consigo. Não consigo... Na verdade, eu até tentei. Tinha uma pessoa que falava de arte, ela era maravilhosa, sendo que isso não me bastava...” (jovem, moça, PT).

Na ponta oposta das escolhas afetivas situa-se um jovem militante do PDT, que afirmou não querer que sua esposa se envolvesse no partido no qual milita, apesar de ela ter expressado tal interesse. A esposa, segundo o jovem, queria conhecer aquela atividade que tanto absorvia e animava seu marido e queria fazer parte dos mesmos espaços que ele. Mas o jovem disse que a presença da esposa no partido, no mesmo espaço em que ele militava, fragilizaria sua posição política diante dos demais companheiros. Realizou tal afirmação completando que já viu ocorrer o uso indevido de aspectos da vida privada na vida pública, a fim de fragilizar o militante.

O grupo daqueles que não marca uma clara preferência entre militantes e não-militantes para os relacionamentos afetivos poderia ser ainda

dividido em dois: aqueles que não se importam, mas prefeririam namorar não-militantes, e aqueles que realmente não estabelecem preferências. Em geral, estão no primeiro grupo jovens que já se viram em situações delicadas em seus relacionamentos com militantes, devido às “misturas” entre vida pública e privada. Os outros só relataram experiências positivas de seus relacionamentos com militantes e isso parece levá-los a realmente não estabelecer restrições ao namoro com outros militantes.

O modo como os jovens se referem às amizades e às relações afetivas é bastante similar. Aqueles que têm como “plano de vida” manter amizades que extrapolam o círculo de militantes também não fazem questão de apenas se relacionar afetivamente com militantes. Os jovens que namoram militantes afirmaram que há vantagens e desvantagens nessa relação. Nesse caso, o que estaria em questão é a concomitância de espaços de socialização secundária, ou seja, a ampliação dos espaços de convivência – e de socialização – ou uma restrição deles com os tensionamentos produzidos por qualquer das escolhas.

Escolhas profissionais influenciadas pela militância

A militância começou a ocorrer para esses jovens quando eles ainda estavam em formação escolar, seja em nível básico ou superior. Sendo assim, a militância faz parte do percurso de formação acadêmica e profissional e os projetos para a militância e para o trabalho, a partir da conclusão dos estudos universitários, confluem e se interconectam. A escolha do curso superior foi fortemente influenciada, em alguns casos, pelas experiências militantes e aquilo que os jovens projetam atualmente para seu futuro profissional se relaciona, segundo o relato de todos, com possibilidades de continuidade da militância.

No momento da escolha do curso universitário, a militância estudantil do ensino médio e as experiências vividas através desse engajamento parecem ter tido influência sobre as escolhas dos jovens. Além disso, o conhecimento sobre a diversidade de cursos disponíveis, os gostos por matérias específicas, influência de pais e amigos e possibilidades profissionais também compõem o conjunto de fatores que ajudaram na escolha do curso superior.

Só é possível falar da influência da militância na escolha do curso superior entre jovens que iniciaram seu engajamento no ensino médio. É significativo, portanto, que 6 jovens, entre os 11 que se engajaram no ensino médio, se refiram à militância como fonte de inspiração para suas escolhas.

É entre os jovens que experimentaram com mais intensidade o movimento estudantil secundarista que a militância é mais referida como uma importante influência na escolha do curso universitário. Além disso, a possibilidade de colocar sua formação profissional a serviço da militância aparece como fator que influenciou as escolhas profissionais desses jovens.

Isso reforça a ideia de uma forte influência da socialização secundária sobre as socializações produzidas no âmbito familiar. Não se está dizendo que o engajamento anule a influência familiar e os valores relativos à formação acadêmica construídos sob essa influência. Contudo, a socialização ocorrida no âmbito do engajamento militante ganha destaque no mosaico de influências recebidas e joga papel importante nas escolhas profissionais daqueles que tiveram militância desde os tempos do ensino básico.

Um jovem militante do PSOL afirmou que a escolha pelo curso universitário foi influenciada pelas possibilidades que teria de colocar sua formação acadêmica à disposição da militância. O jovem associou, segundo seu depoimento, a vontade de problematizar sua atuação militante com a de colocar sua profissão a serviço de seu engajamento partidário: “eu gosto de Economia mesmo, assim, acho que é uma ciência libertadora, entendeu? A Economia é a mais maravilhosa de todas, você entende de fato como o troço funciona, entendeu?” Foi nos estudos realizados na corrente partidária que ele se interessou pelo tema da Economia, notadamente pela abordagem marxista sobre o assunto.

Oliveira (2005) estudou a reconversão profissional dos militantes do movimento ambiental do Rio Grande do Sul, investigando as maneiras como os militantes adaptaram ou converteram suas profissões, a fim de que lhes garantissem a possibilidade de militar no trabalho, ou, melhor dizendo, colocar o trabalho a serviço de sua militância ambiental. Segundo o autor, as escolhas profissionais acabam por se dirigir para o âmbito de interesse da militância, como forma de atender demandas pessoais e dar consequência financeira, de sustento, ao gosto pelo cuidado com o meio ambiente. Não é o caso de dizer que os jovens escolheram seus cursos universitários planejando uma atuação profissional militante, mas as escolhas foram influenciadas, entre outros fatores, por vivências, valores e preceitos que orientam suas práticas militantes em seus partidos.

Os cursos universitários frequentados pelos militantes de partidos concentram-se na área de Ciências Humanas. Os jovens entrevistados reafirmam essa tendência, dizendo que os cursos de História, Geografia, Letras, Ciências Sociais, Psicologia e Pedagogia agrupam um grande número de militantes em sua universidade. Já os cursos de Ciências Exatas e Aplicadas, em geral, concentram poucos militantes. Os jovens que cursavam ou cursaram Estatística, Engenharia e Direito confirmam essa observação, dizendo que quase não há militantes de partidos políticos em seus cursos.

Considerações finais

A militância produz experiências que se associam com aquilo que foi vivido pelos sujeitos antes do engajamento e produz novos códigos e significados para os militantes. É suposto que os sujeitos não estão completamente socializados e há espaço para a transformação de códigos

e valores anteriormente internalizados, a partir das experiências vividas no presente.

Quem se engaja produz experiências singulares, seja em partidos – como é o caso dos jovens em questão –, seja em outros espaços e formas de engajamento. Aquilo que foi vivido antes do engajamento se associa com as novas experiências e produz novos códigos e significados.

A experiência militante, que altera valores e comportamentos dos jovens, incide sobre as relações familiares, sobre amizades, hábitos de consumo, características pessoais e escolhas profissionais. Jovens relataram a ampliação de redes sociais, mas também o fim de algumas amizades anteriores ao engajamento. Alguns informaram, ainda, que escolheram os cursos universitários que seguiriam influenciados grandemente pela experiência vivida no partido político em que se engajaram ainda no ensino básico.

As relações familiares, por sua vez, foram tensionadas, em alguns casos, naquilo que se refere aos novos valores, comportamentos e modos de interpretar o mundo construídos a partir da militância. Contudo, as alterações ocorreram conservando a “coerência entre os primeiros e os tardios elementos da realidade subjetiva” (BERGER, 1985, p. 214), ou seja, as narrativas não apresentaram rupturas em relação à socialização primária, mas transformações da realidade subjetiva com a interiorização de novos fragmentos de realidade.

Muito expressivo da socialização ocorrida na experiência militante em partidos políticos e a maneira como jovens rapazes se em relação a comportamentos machistas, racistas e homofóbicos. Alguns jovens disseram ter percebido mudanças em seus modos de interpretar a questão e se comportar, mas reconhecem que os valores internalizados, ainda que passados de maneira inconsciente por suas famílias, continuam sendo presentes. Neste sentido, um dos jovens entrevistados expressa síntese apropriada do que ocorreu com vários deles: “sou menos racista, menos machista e menos homofóbico”, reconhecendo que as mudanças não são radicais, ocorrem aos poucos e sempre com as marcas das socializações ocorridas nos primeiros anos de vida.

Notas

* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF. Email: anakbrenner10@gmail.com

¹ Tribunal Superior Eleitoral – órgão federal que organiza, junto com os tribunais regionais, os processos eletivos de cargos executivos e legislativos municipais, estaduais e federal. É também quem autoriza a criação de novos partidos políticos de acordo com lei específica, fiscaliza a atuação dos partidos e realiza as filiações partidárias.

² Artigo apresentado e publicado nos anais da 35ª Reunião Anual da Anped, em 2012. Publicado aqui em sua versão original.

³ Entrevistas realizadas no âmbito de produção de tese doutoral, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP.

⁴ As mais variadas definições de direita e esquerda enquadrariam esses partidos à esquerda, uns mais e outros menos voltados ao centro.

⁵ A Flor e a Náusea. Carlos Drummond de Andrade. Publicada originalmente no livro Rosa do Povo, em 1945, atualmente reeditado pela editora Record. “Pôr fogo em tudo, inclusive em mim”. “[...] Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima”.

⁶ Os colegas são sempre mais numerosos que os amigos. Colegas são aqueles com os quais se milita, amigos formam um grupo mais restrito daqueles que compartilham mais do que a afinidade do grupamento político.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l’engagement individuel. **Revue française de science politique**, França, v. 51, n. 1, p. 199-215, 2001.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **Paixão pela Natureza**. Atuação profissional e participação na defesa de causas ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e início dos anos 2000. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. (Tese de doutorado).

REIS, Eliana Tavares dos. **Contestação, engajamento e militância**. Da “luta contra a ditadura” à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. (Tese de doutorado).

Recebido em: novembro de 2013.

Aprovado em: março de 2014.